RAÇA/ETNIA, GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS EM SALA DE AULA DE LÍNGUAS

RACE/ETHNICITY, GENDER AND IMPLICATIONS IN THE SOCIAL IDENTITIES CONSTRUCTION IN ENGLISH CLASSES

Aparecida de Jesus Ferreira
Phd University of London
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste
(aparecidadejesusferreira@gmail.com

Susana Aparecida Ferreira
Mestranda em Letras
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste
(s.aferreira@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo objetiva refletir acerca das questões identitárias que envolvem raça/etnia e gênero dentro de sala de aula. Tais questões já vêm sendo discutidas na arena educacional, no entanto ainda é necessário continuar com análises a respeito do assunto para que seja possível uma mudança significativa e definitiva na maneira como essas questões são tratadas no ambiente escolar. A sala de aula é um ambiente importante para a formação das identidades sociais dos alunos, sendo assim, é mister compreender como o preconceito, o racismo e a discriminação operam em uma sociedade em que não se assume tais questões. Desta forma poderemos refletir acerca de quais são os possíveis mecanismos para tentar sanar tais questões. Para tais reflexões, serão inseridas contribuições de Moita Lopes (2003), Munanga (2003), Silva (2003), Gomes (2005), Ferreira (2006), Jovino (2006), Louro (2008), Auad (2003), entre outros. As questões discutidas neste artigo pretendem contribuir para a percepção da importância da reflexão sobre raça/etnia e gênero a partir da sala de aula, visando uma sociedade mais humana e igualitária.
Palavras-chave: Identidades sociais; Raça/etnia; Gênero

ABSTRACT: This article aims to reflect about identity issues involving race/ethnicity and gender within the classroom. The issues of race/ethnicity and gender have been discussed in the educational arena, however, it is still necessary to continue the analysis on the subject so that it is possible a significant and definitive change in the way that these issues are dealt within the school environment. The classroom environment is an important place for the formation of students´ social identities, so it is important to understand how prejudice, racism and discrimination operate in a society that does not assume these questions. This way, we can reflect on what are the possible mechanisms to solve those questions. For such reflections, we will include contributions from: Moita Lopes (2003), Munanga (2003), Silva (2003), Gomes (2005), Ferreira (2006), Jovino (2006), Auad (2003), among others. The issues discussed in this article contribute to the perception of the importance of the reflection on the issues of race/ethnicity and gender from the classroom, so it is possible to think of a more humane and egalitarian society.
Keywords: social identities; Race/ethnicity; Gender

Introdução

A globalização e a rapidez das informações que recebemos todos os dias em nossos contextos sociais contribuem para a construção das nossas identidades

sociais, ao mesmo tempo em que fazem com que nossas identidades entrem em crise. Segundo Hall (2006, p. 7), a crise identitária é parte constituinte de um processo de mudança bem mais amplo do que imaginamos ser. Essa mesma crise advém das novas “identidades” que surgem a cada momento, fazendo com que o sujeito perca, de alguma forma, sua referência, que até então proporcionava a ele uma “ancoragem social” estável.

O processo de construção das identidades sociais ocorre em todos os contextos e em todas instituições sociais e, particularmente, no contexto escolar, o qual é o foco deste trabalho, que intenta refletir acerca dos estudos sobre identidades sociais no quesito raça/etnia e no de gênero, a fim de contribuir para uma possível minimização da exclusão de alunos pertencentes a raça/etnia e/ou gênero inferiorizados socialmente e/ou nas salas de aula, por meio de reflexões sobre esses conceitos.

Esta reflexão inicial, de cunho bibliográfico, tem a intenção de mostrar alguns conceitos que contribuem para a formação, a transformação e a manutenção das identidades dos alunos. Visa também contribuir para um maior esclarecimento sobre conceitos preconcebidos de raça/etnia e de gênero e que vêm, ao longo do tempo, rotulando pessoas e deixando-as à margem do contexto em que vivem. Para que seja possível elucidar estas questões, primeiramente apresentaremos o conceito de identidades sociais de raça/etnia, bem como reflexões sobre o tema, fazendo-o a partir de Munanga (2003), de Moita Lopes (2003), de Silva (2003), de Gomes (2005) e de Ferreira (2006). Em segundo lugar, trataremos do conceito de gênero, fazendo-o a partir de Auad (2003), de Felipe (2006) e de Louro (2008). Em terceiro lugar, concluímos refletindo sobre as implicações dos conceitos apresentados na formação identitária dos alunos em sala de aula.

Identidades sociais de raça/etnia

Antes de iniciar a discussão sobre as identidades sociais de raça/etnia trataremos de conceitos como raça, etnia, racismo, discriminação, preconceito, estereótipos e gênero, pois ao longo do trabalho, continuaremos a utilizar esses termos.

Raça: Concordamos com Ferreira (2006, p. 29), no sentido de que o

termo é complicado à medida que remete a traços biológicos de espécies distintas, pois, segundo o que Gomes também pontua, "[...] podemos compreender que raça é, na realidade um misto de construções sociais, políticas e culturais nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças*"* (GOMES, 2005, p. 49).

Etnia: "[...] é o outro termo ou conceito usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade" (GOMES, 2005, p. 50). Ou, ainda, "[...] uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território" (MUNANGA, 2003, p. 12).

Racismo: Gomes aponta que "[...] o racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Por outro lado, conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores" (GOMES, 2005, p. 52).

Discriminação: Entendemos que o termo está intrincado ao preconceito. Percebe-se, por exemplo, a discriminação quando existe a rejeição ao diferente, a falta de valorização para o que pode ser diferente. Souza (1997, p. 6) vê o processo de discriminação como sexista e atribui-lhe concepções vistas como naturalizadas, envolvendo todo um contexto familiar, escolar, religioso, etc. Podemos dizer, também, que "[...] a discriminação pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito" (GOMES, 2005, p. 55). Sendo o preconceito a intolerância ao diferente.

Estereótipo: Sobre a noção de estereótipos, compartilhamos da reflexão de Silva (2003, p. 17) quando a autora pontua que "[...] os estereótipos, ou seja, clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou grupo de indivíduos [...]", rotulam negativamente o sujeito, produzindo o preconceito.

Gênero: Auad (2006, p. 20-22) coloca que sexo e gênero não são a mesma coisa, apesar de se relacionarem. E o gênero aparece nessa concepção como "um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e o feminino", ou

seja “o gênero é uma construção biológica” que vem a partir dos fatores genéticos e não com eles. Os conceitos acima são importantes para que os professores e os alunos consigam lidar com a questão racial/étnica e a de gênero na escola. Nesse sentido, esperamos que a análise sobre a percepção dos conceitos das identidades sociais de raça/etnia e gênero a partir dos materiais de ensino venha a contribuir para que estes temas sejam abordados em sala de aula de forma mais reflexiva e crítica, proporcionando a participação dos alunos nessas discussões.

Cremos que a escola tem papel primordial na construção e na manutenção das identidades sociais de seus alunos e professores, para iniciar esta reflexão é importante abordar o tema raça/etnia nos livros didáticos e, para isso, citamos a pesquisa de Silva (2003), que, como ativista do movimento negro, além de pesquisadora sobre o tema racial, tem muito a contribuir com nossas reflexões, pois a construção de identidade social de raça/etnia na escola perpassa pelos materiais de ensino utilizados em sala de aula. Baseada em sua pesquisa de mestrado, Silva (2003) publica um livro sobre o tema da discriminação racial nos livros didáticos, deixando claro que seu objetivo com tal trabalho é entender se os professores de Ensino Fundamental seriam capazes de identificar e também de corrigir estereótipos trazidos nos livros didáticos (SILVA, 2003, p. 15). A autora percebeu que os sujeitos geralmente são rotulados negativamente, estereotipados nos materiais de ensino, e não são valorizados pela diferença cultural, de raça, de gênero, de sexo, etc., potencializando, muitas vezes, as desigualdades sociais já existentes. Isso dificulta o reconhecimento do sujeito por ele mesmo, ou seja, qual o papel que ele exerce em determinado contexto social. Entendemos que as identidades sociais estão sempre se (re)construindo, portanto, a pesquisa de Silva (2003) pode auxiliar no entendimento do modo como estes estereótipos são apresentados, o professor por conseguinte pode se utilizar desta reflexão para tentar desfazer estas rotulações, desta maneira estarão contribuindo para a construção das identidades sociais dos alunos a partir do material utilizado. Ou seja, ao invés de utilizar o material como “arma” que pode fazer com que o aluno se sinta desvalorizado socialmente, utilizar este mesmo material como ferramenta para que o aluno possa formar seu próprio juizo de valor a respeito do que está apresentado, isto pode ser possível através do trabalho crítico conduzido pelo professor.

Reiteramos então, que a identificação do aluno com o material didático

que utiliza pode depender do trabalho reflexivo em sala de aula, assim ele pode se identificar enquanto aluno branco, negro, menino, menina, etc. Se naturalizadas, essas questões podem fazer com que o próprio professor não perceba a falta de identificação de seu aluno com o material de ensino em uso, e assim continuar a repassar o conteúdo sem reflexão suficiente para que o aluno entenda o que esta sendo passado ao mesmo tempo em que é capaz de refletir criticamente fazendo relações do seu próprio contexto com o conteúdo do seu material de ensino. Silva (2003, p. 18-19) a respeito dos materiais didáticos, menciona a ideologia do branqueamento e o modo como ela está sendo expandida por meio dos livros didáticos, fazendo com que a criança negra internalize essa representação estereotipada de inferioridade, culminando na auto rejeição e na rejeição do semelhante. Acreditamos que um trabalho reflexivo com este mesmo material poderia mudar esta situação ao ponto de não promover o sentimento de inferioridade da criança negra em relação ao material que esta utilizando e nem fazer com que a criança branca crie uma aversão ou qualquer espécie de preconceito com outras etnias. Segundo Silva (2003), cabe ao professor ser um mediador entre aluno e material didático, tornando possível uma reflexão crítica, desenvolvendo um posicionamento próprio do aluno. Para isso acontecer de modo efetivo, o professor deve, porém, ter claros os conceitos de cultura e de diversidade cultural, relacionando o conteúdo da disciplina com o contexto sociocultural do aluno. Para que esse trabalho seja possível, firma-se a importância de que o professor seja capaz de refletir e " [...] também de proporcionar uma ação corretiva e criadora sobre os estereótipos em relação ao negro no livro didático" (SILVA, 2003, p. 20-21).

Silva (2003, p. 57) acredita que o trabalho pedagógico crítico e reflexivo pode auxiliar o professor na utilização do livro didático. Também acredita que este pode ser utilizado como instrumento e estimulador do senso crítico de alunos e professores, por meio da mediação, convidando a todos nós, professores, alunos e comunidade em geral, para que possamos promover mudanças efetivas, dizendo que:

> Cabe a nós, envolvidos nessa tarefa de mudança, evidenciar os benefícios que essa mudança pode trazer para todos. Essa tarefa não é uma tarefa restrita aos negros. Ela exige a participação de todos os setores democráticos da sociedade. Com a certeza de que

> as contradições trarão em breve tempo essa participação e conscientes de que é impossível esperar que a História aconteça de " braços cruzados", estamos dando mais um passo em direção da identidade, auto-estima e cidadania dos afro-brasileiros (SILVA, 2003, p. 58).

Silva (2005) faz reflexões trazendo os conceitos de raça e de embranquecimento, utilizando-se das pesquisas de Guimarães (1995, 2002), abordando também o racismo à brasileira que está intrincado nas classes sociais, trazendo desvantagens para a população negra (SILVA, 2005, p. 2). Conforme as suas análises, ao mesmo tempo em que os livros didáticos valorizam o branco (eurodescendente), descaracterizam a imagem do negro (afrodescendente), influenciando de forma negativa a escolarização (SILVA, 2005, p. 2). Um trabalho engajado de professores, escola e família por exemplo, poderia fazer muita diferença no modo de como essa imagem é apreendida pelos alunos, sendo eles negros ou não.

Ainda a respeito do racismo, Rosemberg, Bazili e Silva (2003) publicam um trabalho que objetiva, segundo os autores, "[...] efetuar uma revisão da produção brasileira sobre expressões de racismo em livros didáticos" (2003, p. 125-127), inclusive do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), apoiando-se em levantamentos bibliográficos, em pesquisas e em estudos sobre o tema nos últimos 50 anos.

Os pesquisadores colocam a dificuldade de mostrar para a sociedade a maneira sorrateira como o racismo se reproduz em ações cotidianas (ROSEMBERG, BAZILI e SILVA, 2003, p. 127). Sobre esse assunto é relevante citar algumas fontes bibliográficas que foram importantes para a reflexão dos autores desse artigo: Pinto (1987a), Negrão (1987, 1988), Pinto (1990), Bazili (1999) e Silva (2002). Os autores também podem auxiliar a quem tenha interesse nas pesquisas sobre racismo, visto que os pesquisadores apontam a insuficiência de pesquisas nessa área temática, pois, em uma pesquisas sobre teses e dissertações entre 1987-2000, verificaram baixo número de publicações, ficando em apenas 44 referências sobre racismo em livros didáticos (ROSEMBERG, BAZILI e SILVA, 2003, p. 127), reforçando a necessidade de pesquisas sobre o tema.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais (2003) trazem a Lei Federal nº 10639, que alterou a LDB (Lei Federal

nº 9394/1996), que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo, no currículo oficial da rede de ensino, o tema sobre História e Cultura Afro-Brasileira, instituindo, inclusive, o dia 20 de novembro como o dia da Consciência Negra. Com o advento da Lei Federal nº 10639/2003 ficou evidente, portanto, a preocupação com os cidadãos afrodescendentes. Sendo assim, é importante enfatizar que tal lei só foi efetivada devido às lutas do chamado Movimento Negro. A lei existe, mas para que ela possa continuar a valorizar os afrodescendentes que tanto foram (e ainda são) estigmatizados em todos os setores sociais, é necessário a união de todos, assumindo a responsabilidade de continuar mudando a realidade dos cidadãos que sofrem preconceito neste país. No Brasil, em várias universidades estaduais, federais e privadas, foram criados os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs), que visam promover atividades de pesquisa e de extensão cujo tema se volta aos estudos afro-brasileiros. Esperam, portanto, também, com esta reflexão inicial, contribuir para a continuidade dos estudos que visam valorizar raça/etnia e gênero, iniciando pela educação nos bancos escolares, entendendo que desse lugar saem os cidadãos que poderão agir e transformar a sociedade em uma sociedade mais humanizada, mais justa e mais igualitária.

Continuando a refletir sobre o livro didático, apresentamos a pesquisa de Watthier (2008), que trata do tema da discriminação racial em livros didáticos. O trabalho de Watthier é intitulado **A Discriminação Racial Presente em Livros Didáticos e sua Influência na Formação da Identidade dos Alunos**. Nesse trabalho, a autora assevera que a discriminação racial afeta a vida dos alunos justamente na fase em que os jovens estão em processo de formação das identidades sociais. Ela faz essa afirmação por meio de análise de livros didáticos, observando se os textos e as ilustrações ali contidos trazem atividades que proporcionam reflexões acerca das questões etnicorraciais. Nesse contexto, a pesquisadora apresenta resultados, ainda que parciais, de sua pesquisa, que constatou que, para que seja possível tornar os alunos capazes de lidar com as diferenças, respeitando-as, é necessária a prática dessas questões em sala de aula. Ela afirma que também se torna necessário preocupar-se com a formação de professores, para torná-los capazes de trabalhar com as questões etnicorraciais em suas salas de aula. Concordamos com a autora no sentido de que o trabalho com estas questões em sala de aula é de suma importância para a formação

(construção, transformação) das identidades sociais dos alunos, bem como a formação de professores que podem estar sempre se aperfeiçoando no sentido de auxiliar sua prática pedagógica.

O racismo e as outras formas de discriminação são desigualdades que já estão naturalizadas pela sociedade como algo normal (HENRIQUES, 2002, p. 13). Talvez por isso também no material de ensino os alunos e os professores não percebam o racismo que ali está contido e não reflitam com seus alunos a respeito. As percepções dos alunos, mas também as dos professores, sobre o material de ensino que utilizam, é, pois, uma discussão relevante e que esperamos abrir precedentes para mais estudos na área, pois é a partir das pesquisas que podemos mudar ou melhorar nossa prática pedagógica e por consequência o rendimento e o conhecimento dos alunos. Das formas de desigualdades existentes, Henriques (2002, p. 14) pontua que a desigualdade racial é mascarada pelo silêncio, que ela existe, portanto, de forma velada na sociedade, impedindo a ascensão social da população negra. Cremos que a educação crítica tem papel fundamental para empoderar o aluno tirando-o do silenciamento em que pode se encontrar. Dessa maneira, a educação tem papel importantíssimo para reverter esse quadro. Para tal posicionamento, o autor afirma que "[...] a educação aparece, portanto, como uma variável crucial para transformar significativamente a situação desigual em que se encontram os indivíduos de diferentes raças" (HENRIQUES, 2002, p. 15).

Continuando a refletir sobre formas de discriminação da sociedade, passamos para o próximo tópico, que versará sobre as identidades sociais de gênero.

Identidades sociais de gênero

Além de abordar o tema raça/etnia no material de ensino, procuramos também abordar o tema gênero como alvo de rotulações e estereótipos, uma maneira de discriminação que normalmente é tida como natural, pois se tem como absoluto e inquestionável o binômio masculino/feminino, bem como a supremacia masculina já naturalizada. Como forma de exemplificar podemos dizer que em nossa sociedade é comum que os homens tenham melhores salários do que a mulheres. Podemos dizer também que ainda persiste a ideia de que lugar de mulher é em casa, na cozinha, no tanque. E colocar o homem como o sexo forte, assim várias

noções ainda poderiam ser citadas aqui, estas apenas identificam ideias que se construíram ao longo do tempo e que se firmam e se naturalizam sem que possamos perceber ou questionar, por isso é tão importante o trabalho reflexivo, para que noções sócio-historicamente impetradas possam ser mudadas, mesmo que de forma lenta. Felipe (2006), a respeito de gêneros nas construções discursivas, realizou a pesquisa para sua dissertação de mestrado com o tema: **Masculinidade(s) em Foco: construções discursivas sobre identidade de gênero social**. O objetivo da pesquisa de Felipe nesse trabalho foi "[...] analisar como os participantes negociam discursivamente suas identidades mapeando quais representações as definem [...]" (FELIPE, 2006, p. 7).

A pesquisadora (2006) pontua, como principal elemento para o estudo dos gêneros, que: "[...] as desigualdades e os sistemas que geram desigualdades podem ser transformados" (FELIPE, 2006, p. 57). Segundo ela (*apud* TAMOYO, 2003), a diferença é convertida em desigualdade, ou seja, na tentativa de nos igualarmos, acabamos por ignorar a diferença, que, por sua vez, é convertida em desigualdade.

Ao falar da modernidade, a autora (2006) coloca que ocorreram e ocorrem crises de identidade, problemas sociais que não devem ser vistos como separados da vida social. Para essa noção de modernismo relaciona-se o feminismo, alegando que, "[...] ao chamar atenção para o caráter construído do gênero, a teoria feminista questiona as oposições binárias que são responsáveis pela fixação das identidades" (FELIPE, 2006, p. 57). Então esse movimento, que veio contestar a posição social de mulheres, contribui para as discussões sobre a formação de identidades sexuais e de gênero (FELIPE, 2006, p. 57). A respeito dessas modificações culturais e do movimento feminista, Felipe (2006) assegura que:

> O movimento feminista foi o responsável por muitas modificações culturais, dentre elas, o desenvolvimento teórico do conceito de gênero, dando visibilidade a questões-chave para entender as construções sociais da identidade, o sistema de representação que gera posições-de-sujeito e os mecanismos de poder envolvidos nesta dinâmica [...] (FELIPE, 2006, p. 58).

Gênero, para Felipe (2006, p. 58), é "[...] um construto analítico que diz respeito à organização social dos sexos". Para que se entenda esse conceito,

primeiro é necessário perceber a diferença entre sexo e gênero: sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, enquanto gênero se refere às construções sociais e culturais que se desenvolvem a partir desses elementos biológicos, como já discutido na seção anterior acerca de raça/etnia. O gênero relacionado às práticas políticas está relacionado a situações como mercado de trabalho sexualmente delimitado e a educação de forma diferenciada (FELIPE, 2006, p. 58-60).

Também o feminismo contribui para as discussões sobre identidade masculina, discussões das quais os homens passaram a participar a partir da década de 1970. Essa pesquisadora fala, ainda, do movimento dos anos 1980, que carregava a bandeira de direito dos homens, afirmando que as mulheres eram tão violentas quanto eles, criticando a imagem apenas do homem como agressor. A partir disso, obtinha-se o fundamentalismo masculino, que se opunha às mudanças das mulheres e sustentava a restauração extremista da masculinidade tradicional, levando ao reforço do papel pai-provedor e da mãe-dona de casa (FELIPE, 2006, p. 63-65). Os homens, de um modo geral, beneficiaram-se desses padrões, considerados ideais (FELIPE, 2006, p. 71). No que tange às relações de raça, Felipe (2006) esclarece que:

> As relações de raça podem se tornar parte integral da dinâmica entre as masculinidades. Em um contexto de supremacia branca, o homem negro desempenha um papel simbólico na construção da identidade masculina branca, Aqui também o que pode ser chamado de acidente estatístico, ou seja, as maiores ocorrências de desemprego e violência entre os homens negros pode ser lido como um problema de gênero. A marginalização se refere à autorização que não se tem para o desenvolvimento do projeto hegemônico de um grupo dominante (FELIPE, 2006, p. 71).

Felipe (2006, p. 71) promove a junção da discussão sobre raça e gênero, ou seja, não é possível considerar a discriminação racial sem considerar a discriminação de gênero também. Colaborando com a reflexão de Felipe, o conceito de gênero também é apresentado por Louro (2008, p. 7), em seu trabalho sobre gênero e sexualidade, para quem gêneros são constituídos por meio das aprendizagens e das práticas nos contextos socioculturais nos quais o sujeito está inserido. Desse modo, “[...] construção de gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente” (LOURO, 2008, p. 18). A construção

das identidades e neste caso as identidades sociais de gênero perpassam todas as instâncias sociais e a modernidade tem papel importante na construção e manutenção das mesmas categorias, através da mídia e das tecnologias. Ainda que existam maneiras culturalmente definidas e já instituídas para a conceitualização do gênero binário homem/mulher, o modo de compreendê-lo multiplicou-se, desestabilizando certezas até então incontestáveis (LOURO, 2008, p. 19). Dessa maneira,

> [...] vem se afirmando uma nova política cultural, a política de identidades. Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, as chamadas "minorias" sexuais e étnicas, passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais (LOURO, 2008, p. 20).

A partir da construção de novas práticas sociais, como a citação acima anuncia, é importante que se reflita sobre o que é normal e o que é diferente, o que é diferente pode ser valorizado e o que pode parecer desigualdade não pode. Apesar da nomenclatura binária homem/mulher, cada um com seu papel instituído socioculturalmente, não se nega, mas se assume que a diferença existe e é "[...] produzida através de processos discursivos e culturais" (LOURO, 2008, p. 22). Ainda, refletindo sobre a diferença, mas relacionada à infância narrativa contemporânea, Mata (2006) seleciona alguns livros publicados de 1990 a 2004 e analisa as narrativas neles contidas, focando a infância na periferia, infância e sexualidade e, também, a posição das crianças nas narrativas "[...] não só enquanto grupo social silenciado, mas também como representação de uma ideia de nação que, jovem, isto é, ainda em formação, tem nos meninos e meninas mudos das narrativas a imagem de sua promessa não cumprida de progresso" (MATA, 2006, p. 5).

Mata (2006, p. 110) analisou narrativas para esclarecer que a exploração dos gêneros masculino e feminino sempre esteve presente, tanto em literatura de consumo, como em livros didáticos. Referindo-se a esses meninos e meninas como personagens que foram analisados nesse trabalho, Mata (2006, p. 110) ressalta que:

> Não se pode esquecer que as crianças, personagens de cada um dos romances, não têm como referentes apenas uma ideia abstrata

> de infância e suas relações com um processo sócio-histórico nacional. Há também, por detrás dessas crianças ficcionais, um grupo social que, como foi visto, sofre um histórico silenciamento que a narrativa contemporânea discute, tendo em perspectiva as expectativas depositadas em meninos e meninas.

A partir da reflexão de Mata (2006) citada acima, é, pois, possível pensar o grupo social no qual a criança está inserido e como ele reflete a identidades sociais construídas na escola, através do livro didático, do material de ensino, da interação com o colega e mesmo com o professor. E, pensar também que estas identidades estarão se confrontando com as identidades sociais que partem de fora do contexto escolar, formando cidadãos. Passamos, a seguir, para a reflexão de Auad (2003), que fala sobre cidadania e inicia seu trabalho refletindo sobre democracia e direitos humanos, pontuando que, para aproximar essas discussões dos cidadãos, é necessário debater sobre os direitos humanos, educação e gênero. O objetivo do trabalho de Auad é "[...] tecer, ainda que inicialmente, relações entre a educação em direitos humanos e a categoria de gênero" (AUAD, 2003, p. 137).

É importante olhar para além do sexo do sujeito e considerar suas práticas. Para essa reflexão, Auad diz que "Parece instigante querer saber como gênero, em articulação às outras categorias, aparece nesta cultura; questionar qual a importância e o peso dados ao gênero, de modo a considerar os processos simbólicos e lançar o olhar sobre como tal categoria configura também as práticas, e não apenas o sexo dos sujeitos" (AUAD, 2003, p. 142). A escola é uma das instituições nas quais a convivência de meninos e meninas é imposta sem reflexão pedagógica, pois existe separação dos gêneros (AUAD, 2003, p. 138). Podemos entender então que a escola é um lugar importante para a observação do comportamento desses meninos e meninas, assim os professores podem entender como ocorrem as práticas de gênero nas salas de aula e trabalhá-las com seus alunos tornando possível minimizar as desigualdades latentes ou aparentes.

Conclusão

Não é possível refletir criticamente apenas sobre raça/etnia e não considerar o gênero, ou seja, não é possível olhar o indivíduo negro no material de ensino e não perceber se ele é menino ou menina, homem ou mulher. Ainda mais nos dias atuais, não poderia ser mais admissível olhar para diferenças trazidas no

material de ensino, diferenças que podem ser interpretadas como desigualdades ou valorizadas enquanto diferenças, para que não sejam interpretadas de maneira preconceituosa devemos saber como refletir com nossos alunos, não é possível "pular o exercício e ir para a próxima página", dúvidas poderão surgir a qualquer momento e tem de ser sanadas e discutidas no grupo para que o aluno consiga fazer seu próprio juízo de valor e não continue repetindo formas de preconceito que se arrastam através dos tempos e vão da escola pra sociedade, assim como o contrário também pode ocorrer, pois o conhecimento atravessa as barreiras sociais e podemos fazer disso uma importante arma contra as injustiças sofridas por pessoas rotuladas como sendo "diferentes", sendo que a diferença é normal, o que não é normal é fazer com que ela pareça sempre preconceituosa e pejorativa - desigualdade. Nogueira, Felipe e Teruya (2008, p. 1) refletem sobre raça/etnia e gênero como diversidade cultural na educação escolar. Iniciam seu trabalho falando sobre a representação da alteridade e a maneira como estabelecemos o conceito do que é ser, o que somos e do que o outro é, ou seja, como reconhecemos nossas identidades sociais. Entendemos que as identidades são reconhecidas através da diferença, da alteridade e nas inúmeras possibilidades de interação. Para Hall (2002, p. 13), a identidade é algo construído e transformado ao longo do tempo por processos inconscientes de socialização, portanto não é algo inato, fixo, estável, mas em constante produção. Portanto, entendemos que sempre é tempo de refazer e reconstruir as identidades sociais dos alunos contribuindo para que eles se tornem cidadão melhores. Segundo Hall (2002, p. 13) "[...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'" (HALL, 2002, p. 13).

Nesse sentido, a percepção de como se constroem as identidades em sala de aula de línguas é muito importante. Essa importância ocorre tanto com as aulas de língua materna quanto com as de língua estrangeira, pois todas trabalham com o discurso oral e escrito. Tais discursos podem se tornar determinantes para o aluno e, muitas vezes, definitivos para não apagar um possível talento ou mesmo determinar o modo como ele se constituirá enquanto sujeito e possível agente dos outros contextos nos quais atua, não só na comunidade escolar. Não acreditamos ser possível separar totalmente a questão da raça/etnia da questão do gênero, mas,

pelo pouco espaço disponível para a reflexão, neste trabalho optou-se por colocá-los em seções separadas, mas nem por isso se desconsidera a importância de trabalhar esses conceitos concomitantemente na prática pedagógica. Deixamos, então, como sugestões para trabalhos futuros, essas reflexões, para que os estereótipos em sala de aula sejam desconstruídos ao passo que as identidades sociais dos alunos no que tange a raça/etnia e gênero sejam construídas de forma positiva.

Cabe a nós, professores de línguas e de outras disciplinas do currículo escolar, a continuidade da reflexão sobre os temas apresentados, e nos incentivarmos a combater as injustiças e desigualdades raciais cada vez mais, sendo capazes de detectá-las mesmo em seu caráter sorrateiro, rompendo com os estereótipos para que nossos alunos sejam cidadãos mais conscientes do mundo multicultural e multiétnico em que vivem, da mesma forma procedendo com os gêneros. Acreditamos que reflexões como estas são importantes para contribuir para um ensino de língua materna e de língua estrangeira (também das outras disciplinas) mais efetivo e para a diminuição das desigualdades no que tange ao preconceito de uma forma geral, bem como a representação que se encontra nos materiais de ensino. E esta pesquisa, que é bibliográfica, fez uma reflexão sobre conceitos que contribuem para a formação, a transformação e a manutenção das identidades dos alunos no que tange os conceitos de raça/etnia e gênero a partir do material de ensino que utiliza. E apostamos na qualificação constante dos professores para que sejam capazes de conduzir esta juventude para um futuro melhor, sem preconceitos e sem discriminação, isto pode parecer utópico mas com o auxílio das pessoas que acreditam em um ensino crítico e reflexivo é possível mudar a realidade de muitos alunos, de muitos cidadãos.

Referências

AUAD, D. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dez./fev. 2002-2003.

___. Relações de gênero na sala de aula: atividades de fronteira e jogos de separação nas práticas escolares. **Pro-Posições**, v. 17, n. 3 (51) – set./dez. 2006.

BAZILI, C.; ROSEMBERG, F.; SILVA, P. V. B. da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. 2004.

FELIPE, C. N. **Masculinidade(s) em foco: construções discursivas sobre identidade de gênero social.** Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006.

FERREIRA, A. de J. **Formação de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino.** Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2006.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

___. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e. Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, R**. Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação.** UNESCO, 2002.

JOVINO, I. da S. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, F.; LIMA, M. N. (org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador. Centro de Estudos Afro-Orientais: Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, v. 19, n. 2 (56). maio/ago. 2008.

MATA, A. N. da. **O silencio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília - UNB, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, identidade e profissão na escola e na família.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ**, em 5 nov. 2003.

SILVA, A. C. da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. 1. ed. Salvador, BA: Edufba, 2001 (2ª tiragem em 2003).

SILVA, P. V. B. da. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa.** TESE (doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

SOUZA, F. C. de. **A prática pedagógica na escola: reprodução de estereótipos sexuais.** p. 23-45, São Paulo, 1997. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0712p.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2010.

WATTHIER, L. A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos. **Revista Urutágua**, n. 16. UEM. 2008.